

Turismo, simetrias e controvérsias: uma proposta epistemológica baseada em Bruno Latour e aplicada às pesquisas sobre turismo e museus

Tourism, **symmetries and controversies**: an **epistemological proposal** based on Bruno Latour's and applied to research on **tourism and museums**

KARLA ESTELITA GODOY * [karlagodoy@id.uff.br]

MARINA MARINS MORETTONI ** [mmorettoni.tur@gmail.com]

ELISA SILVEIRA CARDOSO *** [elisasilveirac@hotmail.com]

Resumo | Este artigo se destina a ser um ensaio sobre a proposta epistemológica adotada pelo Grupo de Pesquisa Turismo, Cultura e Sociedade – UFF, para o desenvolvimento de investigações voltadas para a temática turismo e museus. Como o turismo é um fenômeno complexo e em constante transformação, questionar certezas que se sustentam nas produções acadêmicas da área significa ampliar as análises sobre o campo de estudos e desenvolver senso crítico a respeito da construção de fatos científicos. Para além das controvérsias endógenas existentes, torna-se indispensável buscar compreender o turismo como “ciência em construção”, aquela que não oferecerá conhecimentos tácitos, pré-estabelecidos e bem consolidados em caixas-pretas. É neste sentido que adotamos, em nossas pesquisas, a antropologia simétrica de Bruno Latour e o mapeamento das controvérsias, que procuramos aqui descrever. Desse modo, escolhe-se uma porta de entrada para fortalecer o debate científico, que demonstre, como alerta o autor, o quanto o contexto social e o conteúdo técnico são fundamentais para a melhor compreensão da própria atividade científica, e, mais especificamente, do turismo em conexão com a sociedade e com

* **Vice-coordenadora e professora** do Programa de Pós-graduação em Turismo – PPGTUR/UFF, e **docente** do curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal Fluminense. **Pós-doutorada** no Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (UFF), **Doutora em Políticas Públicas e Formação Humana** pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), **Mestre** em Memória Social e Bacharel em Museologia, ambos pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). **Professora Adjunta IV** do Departamento de Turismo da Universidade Federal Fluminense. **Coordenadora Geral** do Grupo de Pesquisa Turismo, Cultura e Sociedade – UFF (certificado no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil – CNPq) e do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Turismo e Museus.

** **Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Turismo** da Universidade Federal Fluminense – PPGTUR/UFF, da Linha de Pesquisa Turismo, Cultura e Ambiente. **Bacharel em Turismo** pela UFF. **Pesquisadora** do Grupo de Pesquisa Turismo, Cultura e Sociedade – UFF e do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Turismo e Museus.

*** **Discente** do curso de Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (UFF). **Orientanda de Iniciação Científica** no Grupo de Pesquisa Turismo, Cultura e Sociedade – UFF e no Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Turismo e Museus

temáticas correlatas.

Palavra-chave | Turismo, controvérsias, Bruno Latour, ciência em ação, epistemologia do turismo

Abstract | This article proposes to be an essay on the epistemological proposal adopted by the Tourism, Culture and Society Research Group - UFF, for the development of investigations focused on the theme tourism and museums. Since tourism is a complex phenomenon and in constant transformation, questioning certainties that are based on the academic productions of the area means to broaden the analysis about the field of studies and to develop a critical sense regarding the construction of scientific facts. In addition to the existing endogenous controversies, it is even more essential to seek to understand tourism as "science under construction", one that will not offer tacit, pre-established and well-consolidated knowledge in black boxes. It is in this sense that we have adopted Bruno Latour's symmetrical anthropology and the mapping of the controversies we have tried to describe here. In this way, a door is chosen to strengthen scientific debate, which demonstrates, as the author warns, how much the social context and the technical content are fundamental for a better understanding of the scientific activity itself, and more specifically of tourism in connection with society and related issues.

Keywords | Tourism, controversies, Bruno Latour, science in action, epistemology of tourism

1. Introdução

Na obra "Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora", o filósofo e antropólogo francês Bruno Latour apresenta estudo sobre a atividade dos cientistas, oriundo do seu trabalho de antropologia da ciência. Destaca, logo nas primeiras páginas, que toma a decisão de ingressar no mundo da ciência pela porta da ciência em construção, "e não pela entrada mais grandiosa da ciência acabada" (2000, p.17) – sendo estas duas vozes contraditórias, que falam ao mesmo tempo. Evidencia, ainda, a necessidade de se superar limitações do campo de estudo da ciência, tecnologia e sociedade, tal como a falta de diálogo entre os pesquisadores, decorrente da organização do conhecimento por disciplinas e por objeto de estudo.

Essas limitações se estendem a diversos campos do saber, entre os quais localizamos o do Turismo. A turismologia – e, aqui, não é nosso objetivo adentrar por questões referentes à validade da definição do turismo como ciência, disciplina ou área do conhecimento¹ – seria a ciência que estuda o fenômeno do turismo em todas as suas dimensões – social, cultural, ambiental, econômica e política –, podendo ser considerada um campo de saberes multi, inter e, até mesmo, transdisciplinares. Contudo, em sua produção acadêmico-científica, observam-se dois polos que, escassas vezes, conversam entre si: aquele que entende o turismo como atividade econômica e se aproxima de estudos voltados para seu planejamento e gestão, e outro que busca entendê-lo como fenômeno sociocultural, que se modifica no tempo e no espaço. Neste sentido, fica clara até mesmo uma divisão

¹O termo ciência, utilizado neste artigo, tem como referência o já citado trabalho de Bruno Latour (2000). Faz, portanto, alusão às diferentes maneiras de se considerar um campo/objeto de estudo: uma, que é questionadora, visando a produzir conhecimento, partindo do mapeamento e resoluções, quando possível, das controvérsias levantadas; e outra, que apresenta geralmente respostas prontas, baseadas em conhecimentos já consolidados.

interna, que mina inclusive o esforço de se pensar o campo de modo mais integrado.

Com base nas formulações de Latour, se o turismo já apresenta até mesmo controvérsias endógenas, torna-se ainda mais premente compreender o turismo como “ciência em construção”, aquela que não apresenta conhecimentos tácitos, pré-estabelecidos e bem consolidados em caixas-pretas; tal como a Caixa de Pandora², comporta conteúdos tão complexos, que, de forma geral e até vulgarizada, “não é preciso saber nada, senão o que nela entra e o que dela sai” (2000, p. 14). Embora não seja desejável organizar conhecimentos em caixas, é assim que muitas vezes eles se apresentam no mundo científico.

A caixa do turismo, que, segundo essa visão, sequer ainda está formada, enfrenta obstáculos que a impedem de se abrir para novas discussões e problematizações. Como o turismo é um fenômeno complexo e em constante transformação, questionar certezas que se sustentam nas produções acadêmicas da área significa ampliar as análises sobre o campo de estudos e desenvolver senso crítico a respeito da construção de fatos científicos. Mitos disseminados e difundidos, como um ensaio de caixa-preta, tornam-se senso comum, como, por exemplo, o turismo considerado fator de indiscutível desenvolvimento e crescimento econômico, o turismo como irrevogável degradador ambiental, o turismo como fator inegável de valorização da cultura (Ouriques, 2005; Ninding et al., 2011), e outras premissas positivas ou negativas que marcam o turismo ora como salvador, ora como destruidor.

Para Latour, desconstruir essas ideias – e, portanto, abrir a caixa-preta – torna-se mais fácil quando se realiza o exercício de ir e vir (movimentar-se e articular-se), no tempo e no espaço, até que se encontre o nó da questão. “Incertezas, trabalho, decisões, concorrência, controvérsias, é isso o que vemos quando fazemos um *flashback* das caixas-pretas certinhas, frias, indubitáveis para o seu passado recente” (Latour, 2000, p.16). São as controvérsias a face da ciência em construção; é onde se misturam contexto e conteúdo³, a porta de entrada que se deve utilizar para viajar nesse mundo.

Se de um lado está a ciência em construção, no outro extremo – o das caixas-pretas –, está o que Latour (2000) chamou de “ciência pronta” ou “ciência acabada”. Na tentativa de estudar as duas faces da ciência, o autor apresenta algumas regras metodológicas – “decisões que são necessárias tomar *a priori* na consideração de todos os fatos empíricos criados pelas disciplinas especializadas que fazem parte do campo de estudo chamado ‘ciência, tecnologia e sociedade’” (Latour, 2000, p.36).

Antes de adentrar pelas regras, é importante conhecer algumas controvérsias entre a ciência em construção e a ciência pronta⁴.

A primeira controvérsia que se coloca é a de que a ciência acabada tende a acatar fatos sem levantar questionamentos, assegurando-se em verdades tácitas e pairando sobre conhecimentos tidos como inquestionáveis. São acatados como fato consolidado, por meio de publicação em livros, pelo mérito de quem o “descobriu”, pela autoridade

²Pandora, na mitologia grega, foi a primeira mulher. Segundo Bulfinch (2002), há duas versões para a compreensão deste mito. Uma em que Pandora – criada por Júpiter e aperfeiçoada com dons pelos deuses (beleza, persuasão, música, entre outros) – foi enviada à Terra para punir os titãs (Prometeu e Epimeteu) e os homens. Os primeiros por terem furtado o fogo do céu, e os últimos por tê-lo aceitado. Na Terra, Pandora, com grande curiosidade, teria aberto uma caixa misteriosa que havia na casa de Epimeteu, deixando escapar quase tudo o que continha – pragas para o corpo (doenças) e para o espírito (inveja, despeito e vingança), que se espalharam pelo mundo. Assustada, Pandora teria fechado rapidamente a caixa, restando em seu fundo um último elemento: a esperança. Outra versão, considerada mais positiva pelo autor, é a de que Pandora foi concebida e dada de presente aos homens como forma de agradá-los. Antes de ser enviada à Terra, Zeus lhe teria dado uma caixa de presente, na qual cada deus havia depositado um dom. Pandora teria aberto a caixa, espalhando os dons pelo mundo, e apenas a esperança teria permanecido guardada.

³Nas palavras do autor (2000, p. 20) “[...] convém deixar de lado todos os preconceitos sobre as distinções entre o contexto em que o saber está inserido e o próprio saber”.

⁴Em seu livro, Bruno Latour introduz ao leitor Jano, uma personagem bifrontal em que cada uma de suas faces representam os dois mundos da ciência: o da ciência em construção à direita e o da ciência acabada à esquerda. Cada uma dessas faces segue formas distintas de pensar e agir, às quais o pesquisador deve estar atento no decorrer de sua pesquisa.

científica⁵, e pela universalidade e reconhecimento de onde se enuncia. Já na ciência em construção, deve-se questionar até mesmo “fatos inúteis”, vistos como inverdades ou insuficientes.

A segunda, de que ciência acabada pode optar por seguir o caminho mais fácil, com menos probabilidades de erro, por acreditar ser este o modo mais eficiente de alcançar determinado objetivo; enquanto a ciência em construção deve definir o que é para ela eficiência.

A título de exemplo, a produção acadêmico-científica no Brasil tem apresentado críticas ao modelo produtivista dos centros de pesquisa e das instituições de fomento à pesquisa científica, sob a perspectiva de que quantidade não necessariamente implica qualidade. Os pesquisadores, pressionados a manter padrões de publicação anuais, acabam por acelerar pesquisas, publicando trabalhos que ainda demandam maior esforço de reflexão ou são de pouca contribuição para o campo, e que, muitas vezes, expressam autonomia limitada. Nesse sentido, haveria o que Ribeiro (1999, p. 190) chama de “esvaziamento do desejo de pensar”, na contramão da ciência em ação e do estudo das controvérsias, que demandam profundidade.

Latour (2000) levanta uma terceira controvérsia. Em formação, a ciência em construção deve passar por provações dos diferentes agentes envolvidos e interessados. O que se produz é testado e contestado – a partir da depuração de erros –, até que se alcance um estado de satisfação que supra as expectativas e usos esperados por determinado tempo. Pode-se dizer que os dados não são facilmente aceitos como fatos e validados como verdades. Usando um exemplo do autor – referente à construção do computador *Eagle 2000* –, “a máquina vai funcionar quando as pessoas interessadas estiverem convencidas”. Para a ciência pronta, o processo é inverso. Segundo um conhecimento já consolidado e fundamentado em uma caixa preta, “quando a máquina funcionar, todos se convence-

rão” (Latour, 2000, p. 25).

Assim, o que para a ciência acabada é tido como verdade, permanece e se sustenta como verdade. Entretanto, na ciência em construção, todo o conhecimento produzido está, como dito anteriormente, em constante depuração. Desse modo, as verdades são estabelecidas, na medida em que esses conhecimentos se sustentam e se consolidam no decorrer dos testes e provações dos interessados e envolvidos. Conforme Latour (2000, p.30), “a cada pessoa que se convence, a estrutura fica mais correta”. Entretanto, esta verdade não permanecerá encerrada e fechada em si mesma; novas descobertas de outros pesquisadores podem contestá-la. Como afirma o autor, “estaremos sempre topando com uma nova controvérsia referente ao como e ao porquê do encerramento da questão. [...] Sempre falta alguma coisa para fechar a caixa-preta de uma vez por todas. (Latour, 2000, p. 30-31).

Parece tentador seguir os caminhos da ciência pronta, que apresenta tantas verdades e certezas. Mas os passos da ciência em construção possibilitam caminhos enriquecedores ao oferecerem as controvérsias como porta de entrada (Godoy, 2015). Para o campo de saberes do Turismo, as controvérsias podem se apresentar como

um percurso de desafios e que provoca incômodos, especialmente quando se abordam temas consolidados por profissionais [...]. Contudo os espaços de conflito e negociação podem produzir ambientes híbridos de grande efervescência para a construção de sempre novos e outros saberes. (Godoy, 2015, em meio eletrônico).

Para se entrar em um campo de estudos pela porta dos fundos, ou seja, pela da ciência em construção, Latour sinaliza algumas regras metodológicas, descritas a seguir.

⁵Cabe citar Pierre Bourdieu, ao falar de autoridade científica: “se, por exemplo, digo com autoridade que as classes sociais existem, contribuo intensamente para fazer com que existam” (2004, p. 71).

2. Das Regras Metodológicas

Ao adentrar em um campo de estudos, o pesquisador deve aceitar o exercício de assumir olhos leigos, ou seja, despir-se de “pré-conceitos”, de suas certezas e conhecimentos já estabelecidos. Latour propõe, dessa maneira, iniciar um estudo de fora para dentro, partindo do empírico ou de fatos tomados como verdades, para o estudo minucioso das discussões que os cercam, mergulhando aos poucos na ciência em construção, a qual também podemos chamar de ciência em ação.

Esse movimento global entre o objeto de estudo e o pesquisador não está baseado na ausência da subjetividade na pesquisa⁶, mas sim na necessidade do questionamento, no mapeamento das controvérsias, na curiosidade motivadora para se abrir a caixa de Pandora.

É assim que se colocaria, para pesquisadores do turismo, a primeira regra metodológica: despedido de preconceito, o pesquisador deve observar a construção das caixas sem deixar de questionar as controvérsias existentes antes de seu fechamento, e aquelas que emergem dele depois.

Tomar esse posicionamento, *a priori*, pode não ser fácil. Contudo Latour oferece direcionamentos para se alcançar um movimento global. É preciso compreender o que se deve tomar por objeto de estudo. Nesse sentido, o autor alerta que não serão estudados os produtos finais, mas, com base neles, a maneira como foram elaborados.

É necessário, para tanto, adotar perspectiva relativista e crítica: que controvérsias levantar com base em uma sentença inicial, de um ‘dado original’, de um objeto empírico? Quais perguntas podem ser feitas? Quem são os pesquisadores que o estudam? Quais parâmetros adotados para estudá-lo? O que foi publicado a esse respeito? Assim, deve-se ir “dos produtos finais à produção,

de objetos estáveis e ‘frios’ a objetos instáveis e mais ‘quentes’” (Latour, 2000, p.39).

Logo, ao adotar o papel de leigo, o pesquisador assumirá também a “personagem discordante”⁷; que, ao questionar fatos e sentenças, dá voz às controvérsias. No entanto deve-se reiterar que o processo de discordar desencadeia a formação de “modalidades positivas e negativas”, às quais Latour atribui a geração de sentenças “jusantes” e “montantes”, respectivamente. As primeiras seriam novas sentenças que tendem a reafirmar um dado original e, as últimas, a problematizar esse dado original, gerando sobre ele dúvidas e questionamentos. O que implica dizer que, quanto mais controvérsias forem encontradas, mais complexas se tornarão as novas controvérsias a serem mapeadas. A direção escolhida pelo pesquisador sobre qual caminho seguir pode tornar o consenso em relação a uma sentença mais “fato” ou mais “ficção”. (Latour, 2000).

A articulação de sentenças positivas e negativas – a discussão de um tema – deve ser reintegrada à pesquisa e publicada na forma de artigo, capítulo de livro etc., fornecendo rico material para análise das controvérsias. Isso conduz à segunda regra metodológica: o caráter coletivo na construção do conhecimento.

Nesse sentido, o autor considera que mais importante do que as descobertas ou sentenças elaboradas é o que será feito delas pelas pesquisas e publicações porvindouras. Logo “o status de uma afirmação [como fato ou ficção] depende das afirmações ulteriores” (Latour, 2000, p.50). O pesquisador deve coletar as informações e publicações disponíveis, a fim de melhor compreender seu objeto de estudo, além de dotá-lo de maior confiabilidade. No entanto é preciso que o pesquisador se mantenha consciente de que tudo aquilo que produz será apropriado por outros pesquisadores e

⁶O autor considera que, embora a produção científica seja considerada impessoal e objetiva, a subjetividade está presente nas pesquisas e textos publicados, uma vez que os autores se encontram “por toda parte, incorporados nos textos” (Latour, 2000, p. 91).

⁷Esta personagem criada por Latour (2000) visa a indicar os caminhos a serem percorridos por alguém que, como leigo e curioso, pretenda discordar de um “fato” tido como “verdade”, de uma sentença.

adaptado a seus respectivos interesses. Há, ainda, outro alerta a ser feito: ao pesquisador é indispensável o cuidado no tratamento de dados e informações secundárias, para não cometer o erro de distorcê-los de seu sentido original.

Podemos dizer, segundo Latour, que uma pesquisa isolada em si mesma, que não se articula com outras investigações e sobre a qual não se toma conhecimento, é como se não tivesse sido realizada. Desse modo, a produção do conhecimento irá pender – tanto para o fato quanto para a ficção –, de acordo com a construção coletiva com outros pesquisadores e de sua legitimação ou não pela sociedade. Para o autor,

Essas características só são adquiridas pela incorporação em outras afirmações, outros processos e outras máquinas. Essas incorporações são decididas por nós, individualmente, o tempo todo. Confrontados com uma caixa-preta, tomamos uma série de decisões [...]. Robustecemos a caixa-preta apropriando-nos dela sem discutir? Ou vamos transformá-la de tal modo que deixará de ser reconhecível? É isso o que acontece com as afirmações dos outros em nossas mãos e com as nossas afirmações nas mãos dos outros. Em suma, a construção de fatos e máquinas é um processo coletivo. (Latour, 2000, pp.52-53)

O posicionamento discordante, que possibilita o mapeamento de controvérsias, atrelado ao estudo metódico dos processos em que estão inseridas, possibilita ao pesquisador a arregimentação de aliados e referentes, que lhe darão suporte na relação simétrica que estabelece com a sociedade⁸. A “simetria”, nesse contexto, é inversa: o pesqui-

sador se encontra inicialmente isolado diante de uma controvérsia posta por uma personagem discordante externa, mas, à medida que se mune de novas informações e referências, reduz a capacidade do discordante para levantar novas questões.

Há, também, outro tipo de simetria que devemos considerar. Aquela que se refere à existência de pontos congruentes, às similaridades, entre diferentes campos de estudo e projetos de pesquisa que podem contribuir para a formação e construção de um conhecimento coletivo, por meio do diálogo transversal e horizontalizado.

Até o momento, tratamos do levantamento de aliados e referentes, que, de forma mais direta, implica o arrolamento da literatura técnico-científica, documentos e outros. Mas apenas com a bibliografia não será possível calar as vozes de uma controvérsia e o surgimento de controvérsias futuras – na realidade, as controvérsias sempre irão existir. De acordo com Latour (2000, p. 155), realidade “é aquilo que *resiste*”, e, no mapeamento das controvérsias, quando uma controvérsia se encerra, ela se torna uma caixa-preta que dará suporte para o estudo de uma nova controvérsia. “Cada fato poderia ser transformado no ponto de partida para uma nova controvérsia que teria levado a um número maior de fatos aceitos, e assim por diante *ad infinitum*” (p. 132).

O pesquisador – “cientista” (Latour, 2000) – deve, portanto, ir além no estudo de seu objeto de pesquisa; partir de uma sentença, uma afirmação ou de um dado empírico para o estudo da bibliografia e, então, para o “laboratório”⁹, ao qual chamaremos de campo. O campo, por sua vez, não consiste na natureza do objeto em si. Ao sair da literatura e entrar no campo, o pesquisador adentra, também, um labirinto, de onde emergirão novas controvérsias. As inscrições – dados, informações, resultados, conclusões –, que emergem do contato

⁸Nesta passagem, faz-se referência às pessoas que tem acesso à pesquisa, como os leitores de um artigo, por exemplo.

⁹Para o autor, cada laboratório é também um contralaboratório.

¹⁰Instrumento é um ‘dispositivo de inscrição’ que oferece estrutura ao pesquisador, para o estudo de seu objeto (Latour, 2000). Em outras palavras, podem-se considerar como instrumento questionários, entrevistas semiestruturadas, caderno de campo, softwares para análise de dados, entre outros, que podem apresentar tanto uma natureza tangível como uma

do pesquisador com o campo, dependerão também dos “instrumentos”¹⁰ utilizados e da sua adequação.

Dessa maneira, os instrumentos são elementos cruciais para a ciência em construção. As inscrições obtidas com base neles não representam a verdade dos fatos, mas sim o que foi observado *in loco*. Quando esses resultados se sustentam como fato, o pesquisador torna-se um “porta-voz”, aquele que fala em lugar de um “actante”¹¹.

Para esse aspecto, cabe alertarmos acerca da objetividade e subjetividade da pesquisa. Latour (2000) indica que, à medida que as inscrições apresentadas por um pesquisador se sustentam nos testes e provações das controvérsias, a pesquisa será considerada mais objetiva, caminhando para o *status* de fato; no movimento contrário, a pesquisa poderá ser contestada como ficção, pelo excesso de subjetividade. Conforme uma controvérsia se encerra, do campo, como em um labirinto, podem emergir novas controvérsias – um ‘objeto novo’, indefinido.

Chega-se, dessa maneira, à terceira regra metodológica: ao pesquisador cabe sempre o posicionamento relativista e questionador, uma vez que é o estudo das controvérsias o que possibilita apreender o “estado atual das coisas” (p. 165). Logo a natureza¹² dos fatos se coloca como consequência da resolução das controvérsias, e não o contrário.

O objeto de estudo e suas controvérsias não são estáticos, mas sim processuais, ou seja, construídos e transformados coletivamente na trajetória de

investigação do pesquisador, onde se mesclam as fases de invenção, desenvolvimento e inovação. Na tentativa de mapear, dissecar e encerrar as controvérsias, o pesquisador, entendendo que a construção do conhecimento é coletiva, deverá alistar novos aliados (humanos e não-humanos), a fim de difundir o conhecimento construído no tempo e no espaço.

Todavia Latour considera que, para alcançar esse objetivo, pesquisadores devem lançar mão de pequenos desvios – “movimentos de translação”¹³ –, que consistem em despertar o interesse de potenciais aliados. Esse movimento, que está associado à ciência em construção, é um indicador da necessidade de uma cadeia contínua e crescente de elementos integrados (estrutura, instrumentos, aliados humanos e não humanos). A associação entre esses elementos é, para o autor, tão forte quanto o elo mais fraco. Em contraposição, a face da ciência pronta, acabada, apresenta outro movimento: “difusão”. Este desconsidera a necessidade desses elementos, pois dissemina o conhecimento por meio de cópias infundáveis das caixas-pretas, como se estas já estivessem dadas. Mas essa ‘inércia’ só se dá pelo movimento dos fatos e das ideias, no tempo e no espaço, mediado pela ação de muitas pessoas, uma vez que, “por definição, nenhum fato é tão sólido que dispense apoio” (Latour, 2000, p. 67).

Aqui, a ciência acabada considera que há uma separação entre Ciência e Sociedade¹⁴. Nesse entendimento, os fatos estão atrelados aos fatos, do

natureza menos tangível. Um pesquisador pode dispor de um ou mais instrumentos que componham o todo de uma estrutura de investigação, e a quantidade dos instrumentos necessários pode variar de acordo com a complexidade das controvérsias estudadas.

¹¹Segundo Teixeira (2001), a utilização deste termo parte do princípio da simetria, no qual não há hierarquia entre objetos humanos e não humanos (pessoas, organismos biológicos de qualquer outra ordem e coisas materiais). Neste sentido, actante é um termo próprio da semiótica que faz referência a objetos discursivos que sejam equivalentes entre si – podendo significar pessoas, animais, objetos inanimados e outros.

¹²O algo a mais que abafa o barulho de vozes contraditórias que falam ao mesmo tempo (Latour, 2000).

¹³São cinco os movimentos de translação indicados pelo autor: (I) adaptar o objeto de pesquisa de modo que ele atenda aos interesses explícitos dos aliados potenciais; (II) o caminho proposto pelo pesquisador deve ser o mais adequado, se não o único possível, para atender a esses objetivos externos; (III) pequenos desvios devem ser entendidos como atalhos para esses interesses; (IV) o pesquisador não deve deixar os seus próprios interesses explícitos; e (V) o pesquisador deve se fazer indispensável aos aliados em potencial (Latour, 2000).

¹⁴O modelo de difusão, conforme Latour (2000), compreende que a sociedade conforma grupos de interesses que resistem, aceitam ou são indiferentes aos fatos. Estes últimos, por natureza, seriam dotados de inércia. Desse modo, a Ciência e a Sociedade formariam cadeias heterogêneas de associações com poucos pontos congruentes.

mesmo modo como os fatores sociais estão atrelados aos fatores sociais. Mas a construção do conhecimento é sempre mais social quanto mais se dissemina. Neste sentido, temos uma quarta regra metodológica: assim como a natureza, a sociedade é consequência, e não a causa da resolução de controvérsias. Em resumo, o pesquisador não deve pensar seu objeto de estudo, segundo a natureza ou a sociedade, pois é no processo de investigação e na resolução das controvérsias levantadas que natureza, sociedade e fato ganham forma. Os pesquisadores da ciência em construção, portanto, “*não sabem do que é feita a sociedade, tanto quanto não conhecem de antemão a natureza da Natureza*” (Latour, 2000, p. 235).

O que se deve ter em mente é que a produção da ciência – a ciência em ação – ocorre na mediação, no processo de retroalimentação, de duas esferas: uma interna, em que estão os pesquisadores/cientistas, realizando o que Latour chama de ciência pura; e outra externa, em que se dá o recrutamento de recursos humanos e não-humanos, que possibilitam a pesquisa científica. Quanto mais “esotérico” o trabalho interno, mais “exotérico” precisará ser o recrutamento externo.

Há, nesse caso, uma relação de dependência entre as esferas interna e externa da ciência em construção. Em outras palavras, “embora cientistas só tenham sucesso quando acompanham a multidão, esta só parece ter sucesso quando acompanha esse punhado de cientistas” (Latour, 2000, p. 86). Conforme o autor, misturam-se o contexto (dimensão externa) e o conteúdo (dimensão interna) que é produzido.

Assim sendo, são indefinidos os atores que atuam na construção da ciência, posto que é difícil identificar quais elos dessa rede contínua de elementos integrados podem ser considerados sociais ou científicos. O pesquisador, por sua vez, ao

estudar a ciência em construção, permanece tão indefinido quanto todos os atores envolvidos. Ao adentrar um campo de estudos, é necessário estudar os dois lados simultaneamente, o que configura a quinta regra metodológica.

Para Latour, é possível entender a relação entre ambiente interno e externo da ciência, segundo o conceito de redes, em que os pesquisadores – construtores de fatos – representariam os nós conectados por instrumentos e aliados humanos e não-humanos. Assim, compõe-se uma teia de elos fortes e fracos.

Há, sobretudo, aspecto interessante das redes sociotécnicas¹⁵: a despeito da complexidade e extensão de suas relações, elas deixam de fora das malhas a maioria das pessoas¹⁶, indicando falha de seu alcance. A essas pessoas, geralmente excluídas, caberiam as crenças (ficções), enquanto que às outras seriam reservadas as verdades e fatos? Latour alerta que essa forma de pensar dá abertura para jogos de palavras e adjetivos – como crença e conhecimento, irracional e racional, ilógico e lógico –, que não dão conta dessa “assimetria”.

Cabe lembrar, segundo o autor (p.337), “que qualquer pessoa é, por ora, tão lógica quanto qualquer outra”, o que conta são os caminhos “sociológicos” adotados por cada uma delas. Logo, como sexta regra metodológica, aponta-se: não cabe ao pesquisador julgar a racionalidade ou irracionalidade das coisas e das pessoas, mas sim observar os ângulos, direções, movimentos e escalas adotadas por elas.

As redes sociotécnicas da ciência em construção, para Latour (2000), possuem a capacidade de produzir tempos e espaços diferentes, em que os elementos do mundo são mobilizados, acumulados e recombinaados, dando origem ao que o autor chama de “móveis imutáveis e combináveis”. Esse conceito implica dizer que ao pesquisador só é pos-

¹⁵Referimo-nos às redes que se estabelecem no campo da ‘Ciência, Tecnologia e Sociedade’. Não as definimos como sociais ou científicas, posto que são compostas por elementos diversos (sociais, políticos, econômicos, administrativos, entre outros).

¹⁶Aquelas que não participam dos processos dinâmicos da produção do conhecimento técnico-científico, como os leigos. Não compõem o corpo de especialistas da ciência em ação e nem os de não-especialistas alistados pelos pesquisadores

sível investigar controvérsias de sentenças, dados originais e situações empíricas, quando consegue mobilizar os elementos que estejam longe ou perto (móveis), deslocando-os sem que sejam distorcidos (imutáveis) e recombina-os a outras informações (combináveis), formando um ciclo de acumulação. Assim, o processo de construção do conhecimento é acumulativo, ou seja, cada nova descoberta é um novo pilar que lhe dará sustentação.

Essa acumulação se dá pela dinâmica que se estabelece entre os ambientes interno e externo do objeto de estudo, quando o pesquisador, outra pessoa ou máquina vão até o objeto e retornam para os centros de produção do conhecimento, trazendo novas inscrições a serem somadas com outras, recombinadas e analisadas. Como resultado, o pesquisador consegue, aos poucos, compreender as associações existentes, a natureza das relações, a resistência dos elos, a combinação de suplementos.

A cada ir e vir, formam-se novas camadas e estágios do conhecimento, que estão sendo construídos, com base na agregação e inclusão de instrumentos e elementos. São, portanto, dois dos movimentos globais. Este que possibilita a formação dos ciclos de acumulação, e outro, complementar, que representa o ir e vir do pesquisador entre o objeto e a teoria. Tem-se, por finalidade, a sua propagação nas dimensões interna e periférica, a manutenção e a interpenetração na rede.

A teoria e a abstração, por sua vez, influenciam os caminhos da pesquisa e nunca devem estar desencarnadas do objeto de estudo. Há uma relação simétrica entre ambas. Desse modo, descartando qualquer uma que seja – a teoria ou a abstração –, o pesquisador poderia perder uma controvérsia inflamada.

Um último ponto importante está ligado à sétima regra: “só se alguma coisa ficar sem explicação depois do estudo da rede é que devemos começar a falar em fatores cognitivos” (Latour, 200, p. 422). Ou seja, quando os caminhos sócio-lógicos, abstrações e teorias não parecerem sufici-

entes para a compreensão das coisas ou pessoas é que o pesquisador deverá levar em conta as habilidades cognitivas na busca de uma explicação para os fatos. Como esse já é normalmente o caminho adotado pela ciência acabada, Latour propõe espécie de “moratória” nas explicações cognitivas, adiamento ou mesmo suspensão desse modo já conhecido de se fazer ciência.

3. Para um olhar simétrico sobre turismo e museus

Muitas publicações em turismo enfatizam o caráter complexo deste fenômeno. Entretanto sua complexidade não deve ser entendida como sinônimo de impossibilidade, e sim de oportunidade para abordagens, questionamentos e descobertas. É neste sentido que adotamos, como proposta epistemológica, a antropologia simétrica de Bruno Latour, e o mapeamento das controvérsias em nossos estudos e projetos de pesquisa para tratar do tema turismo e museus.

O conceito de simetria oferece algumas chaves para a leitura de determinado objeto de estudo sob a ótica da ciência em construção: imersão pautada pelo posicionamento questionador, curioso e disposto a abrir a caixa de Pandora, sempre enigmática. E uma das características que torna interessante a abordagem simétrica, é que ela possibilita aos pesquisadores construção coletiva de conhecimento, tentativa de dirimir a fragmentação na produção científica vigente, buscando investigação mais integrada e colaborativa.

Essa concepção holística, e que não desconsidera particularidades, consiste na articulação de diferentes campos do saber. Em articulação com nossos projetos de pesquisa, estão os da museologia, da hospitalidade, da antropologia, sociologia, memória social, semiótica, os estudos da linguagem e análise da imagem, história, e tantos outros, que, no encontro de pontos congruentes,

podem resultar em inovações e criações para pesquisadores e grupos de pesquisa, ou seja, centros de construção do conhecimento. Como adverte Bruno Latour, ao estudar a ciência que ainda está em formação, “fazer uma história das ‘teorias’ científicas teria tão pouco sentido quanto escrever uma história do martelo sem levar em conta os pregos, as tábuas, as casas, o carpinteiro e as pessoas que usam a casa, ou uma história do cheque sem o sistema bancário” (Latour, 2000. Página 395). Por meio do diálogo entre os diferentes campos do saber, é possível a apreensão das controvérsias e dos elementos que a compõem.

Falar em controvérsias não significa adotar posicionamento negacionista, o que em nada contribuiria para a área do turismo. Mas, sim, mapear questões (positivas e negativas) que emergem do objeto de estudo no processo de ir e vir, o movimento do pesquisador entre o empirismo e a teoria. Nesse processo, são fundamentais os variados elementos envolvidos – humanos e não humanos – que conformam uma rede de ciência, tecnologia e sociedade. Implica ouvir aquilo que o objeto diz e aquilo que seus observadores – especialistas e não-especialistas – têm a dizer sobre ele. E dessa forma que procuramos desenvolver nossas pesquisas sobre turismo e museus¹⁷, indo a campo, em determinadas instituições museológicas, para mapear controvérsias e realizar o vai-e-vem entre o empírico, as teorias e os todos os atores sociais envolvidos nessa relação.

Os estudos e projetos desenvolvidos em nosso grupo de pesquisa, e, mais especificamente, voltados para a relação do turismo com os museus e vice-versa, pressupõem a ciência em construção, em que se adotam as controvérsias como porta de entrada. Tais estudos e pesquisas dialogam com as temáticas da oferta e da demanda turística, da hospitalidade em museus, da experiência da visita turística em museus, da gestão de museus para o turismo, dos estudos de público turístico em mu-

seus, além do uso de diferentes metodologias que conversam entre si, conforme os objetivos a serem alcançados, e segundo as controvérsias que emergem do campo.

Assim, acreditamos que alguns aspectos centrais da simetria de Bruno Latour são promissores e desejáveis para os estudos que realizamos na área de turismo: o olhar leigo e sem “pré-conceitos”; a condição integrada e processual entre a sociedade e as controvérsias de um objeto de estudo; o estabelecimento de redes de relações e interesses; o caráter móvel e combinável dos elementos; e a coletividade para a produção de um conhecimento que deve ser constante, na própria dinâmica das controvérsias.

Esse é mais um dos muitos caminhos que podemos seguir para estudar o fenômeno do turismo. E se pensarmos a ciência em construção como um rio (Latour, 2000), devemos ter em mente duas direções: seguir a corrente e descer o rio, nadando para a formação de caixas-pretas (algo que já conhecemos) ou nadar contra a corrente – subir o rio – e navegar o mundo de objetos novos e indefinidos. Escolhemos a segunda e controversa direção.

Referências

- Bourdieu, Pierre. (2004). *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense.
- Bulfinch, Thomas. (2002). Prometeu e Pandora. In: Bulfinch, T. *O livro de ouro da mitologia: (a idade da fábula): história de deuses e heróis*. (26ªed, pp. 19-26). Rio de Janeiro: Ediouro.
- Godoy, K. E. (2015). Controvérsias do turismo como atividade sustentável em museus. *Revista Museu*. Edição comemorativa do Dia Internacional dos Museus: Museus para uma sociedade sustentável. ISSN: 1981-6332. Acedido em 18 de maio de 2015, em: <http://69.16.233.73/revistamuseucom/18-de-maio/index.php/6controversias-do-turismo-como-atividade-sustentavel-em-museus>
- Godoy, K. E. (2013) Fortificações como atrativo turístico: um estudo sobre o Museu Forte Defensor Perpétuo, em

¹⁷Na bibliografia, há indicação de publicações referentes às pesquisas citadas. Aqui, não será possível desdobrá-las, devido ao limite definido de páginas.

- Paraty (RJ). *Caderno Virtual de Turismo*. Edição especial: Turismo em fortificações. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p.34-48, out. 2013.
- Latour, Bruno. (2000). *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Editora UNESP.
- Ouriques, H. R. (2005). *A produção do turismo: fetichismo e dependência*. Campinas: Editora Alínea.
- Ninding, M. et. al. (2011). Los obstáculos epistemológicos del turismo como dominio de saber. *Aportes y perspectivas*. Ano 15, 11, 13-38.
- Ribeiro, R. J. (1999). Não há pior inimigo do conhecimento do que a terra firme. *Tempo Social*. 11(1), 189-195. São Paulo: USP – Departamento de Sociologia.
- Teixeira, M. de O. (2001). A ciência em ação: seguindo Bruno Latour. *Hist. cienc. saúde-Manguinhos*. 8(1), 265-272. Rio de Janeiro.